



Os estudos históricos e a saúde

Embora redundante, torna-se importante destacar a relevância da história para os estudos da saúde, doença e cuidado. Sem dúvida, todos os campos e especialidades que tratam da saúde e de suas práticas necessitam de uma abordagem histórica. Na atualidade, esta questão encontra-se em franco desenvolvimento que se manifesta através de estudos acadêmicos, publicações, grupos de estudos, congressos, ensino e associações. Em recente publicação, historiadores da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz/RJ destacaram: "Ao analisar processos no tempo e no espaço, contextualizando-os e inserindo saúde e doença na sociedade e na cultura, historiadores podem informar sobre práticas passadas, iluminar opções, possibilitar comparações. Essa crescente reivindicação explícita o entendimento de que a história, ao narrar e interpretar processos de saúde e doença em contextos temporais e espaciais específicos, constitui, interpela e transforma o próprio objeto com impactos sobre as compreensões dos atores individuais e coletivos, as identidades profissionais e sua formação, o funcionamento das instituições e as políticas".

Transcrevemos estas idéias porque, sem dúvida, transmitem de forma acertada e completa como o campo dos estudos históricos não pode ser marginalizado na formação básica dos estudantes da saúde. Esse reconhecimento fez com que a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp criasse um espaço para as atividades que englobam memória e história Centro de Memória, instalado nas dependências da Faculdade de Ciências Médicas. Como parte integrante do Centro, foi organizado o Grupo de Estudo História das Ciências da Saúde com os seguintes objetivos:²

1. Promover a participação dos diversos segmentos da área da saúde - medicina, enfermagem, coletiva, fonoaudiologia, farmácia, fisioterapia, psicologia, serviço social, criando um espaço que permita a discussão dos aspectos históricos dos respectivos campos existentes na Faculdade de Ciências Médicas/ Unicamp;

2. Desenvolver projetos de pesquisa sobre história das doenças, história das instituições de saúde e das especialidades médicas e não médicas, como ciências sociais em saúde, psicologia da saúde etc;

3. Promover a articulação com os diversos especialistas da Unicamp que têm como foco a história da ciência, em especial voltada para o campo da biologia e das ciências da vida e da psiquiatria;

4. Estabelecer contatos entre instituições congêneres, em especial outros Grupos de Estudo;

5. Desenvolver projetos de ensino na graduação e pós-graduação, a fim de

inserir no plano curricular a problematização da história da medicina, da enfermagem, da saúde pública/saúde coletiva e de outros campos do conhecimento necessários à formação geral de estudantes;

6. Participar de eventos da área de História da Saúde, nacionais e internacionais;

7. Estabelecer contatos e filiação com o CNPq (Diretórios de Pesquisa) e com a Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Sem dúvida, a realização desses objetivos depende de uma estreita participação da comunidade acadêmica professores, profissionais e estudantes.

George Rosen [1910-1977], professor de saúde pública e historiador da medicina, nas primeiras décadas do século XX, dizia que "O pensamento médico de qualquer tempo deve necessariamente refletir as tendências políticas, sociais e culturais que permeiam a sociedade do qual ele é um produto... A medicina de qualquer tempo está enraizada nas premissas de um certo período e lugar; sendo assim, seu verdadeiro significado pode somente ser apreendido por meio da prova desta conexão histórica"³. Penso que a extensão desta perspectiva para o **campo da saúde** torna-se fundamental na medida em que as ciências da saúde ampliaram seus horizontes e suas práticas para além do campo exclusivamente da medicina.

Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes

DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA E SOCIAL
GRUPO DE ESTUDO HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE
FCM, UNICAMP

NESTA EDIÇÃO:

O ensino da História para cursos da área da saúde: balanço e perspectivas

VEJA TAMBÉM:

A disciplina de "História da Medicina" na FCMSCSP

A ciência dos partos

Fonoaudiologia na Unicamp: um entrelaçamento de histórias

História da medicina: algumas sugestões

Médicos reitores

1. Hochman G, Pires-Alves F, Lima N T. A história dos trabalhadores de saúde como política pública. Ciênc saúde coletiva, v.13 n.3, Rio de Janeiro maio/jun. 2008.

2. Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/grupos/gechs/index.html>

3. Sussner M. The work of George Rosen: observations on a very small sample. International Journal of Health Services, 10(2):323-328, 1980

A análise dos Programas de Ensino revela que o conteúdo História, ministrado na maioria das IES, tem uma característica eurocêntrica, factual, política, cronológica e associada à história dos grandes personagens e eventos.

O ensino da História para cursos da área da saúde: balanço e perspectivas

O objetivo deste artigo, originalmente concebido como uma apresentação oral para o Workshop "História das Ciências da Saúde: Pesquisa e Ensino", ocorrido na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp em novembro de 2007, é fazer um pequeno balanço de como, por quem e em que condições tem sido oferecido o conteúdo História nos cursos da área da saúde e apresentar alguns subsídios para a discussão dos possíveis caminhos e perspectivas para o ensino da disciplina. Após consulta aos Programas de Disciplinas disponibilizados nos sites das principais IES públicas e privadas do país que oferecem cursos na área da saúde - partimos aqui do pressuposto de que os Programas disponibilizados estão atualizados e em vigência -, obtivemos as seguintes informações que podem dar uma dimensão das características atuais do ensino da disciplina História oferecida nos cursos da área da saúde:

1. O conteúdo História aparece abrigado sob diferentes nomes de disciplina, como por exemplo: História da Medicina; História da Enfermagem; História da Farmácia; Fundamentos Humanísticos; Bases Humanísticas da Medicina; Saúde e Sociedade; Saúde Pública; Políticas de Saúde; entre outros;
2. A carga horária presente nos programas é pequena, girando em torno de 30 a 60 horas anuais, concentrada nos primeiros semestres dos cursos de graduação a que se destinam;
3. As metodologias de ensino e formas de avaliação descritas nos Programas fazem referência a aulas expositivas, debates de textos, discussão de filmes/reportagens/documentários, discussão de casos/situações concretas, provas escritas, trabalhos e seminários;
4. A consulta aos Currículos Lates dos docentes coordenadores/responsáveis pelas disciplinas mostra que a maioria possui formação acadêmica, pesquisa e experiência docente fora da área da História ou das Ciências Humanas e Sociais.

A análise dos Programas de Ensino revela que o conteúdo História, ministrado na maioria das IES, tem uma característica eurocêntrica, factual, política, cronológica e associada à história dos grandes personagens e eventos. Além disso, apresentam uma rígida divisão entre passado e presente e a concepção de um tempo homogêneo, singular, absoluto e linear. Este tipo de abordagem certamente agrada a muitos dos profissionais com formação nas áreas biológicas, pois respalda um determinado modo de fazer ciência e uma visão de mundo mais adequada a certezas e absolutos (paradigma cartesiano-newtoniano), mas deixa muito a desejar do ponto de vista da História e das Ciências Humanas e Sociais praticadas, atualmente, nas principais universidades brasileiras.

Percebe-se claramente com relação à metodologia de ensino proposta que pouco ou nenhum espaço é dado para que o aluno participe da construção do seu próprio conhecimento, o que pode gerar um alunado com baixo espírito crítico e desinteressado pelos conteúdos de História e Ciências Humanas e Sociais em geral.

A formação inadequada (graduação, mestrado, doutorado, pesquisa e experiên-

cia docente em áreas distintas) dos docentes coordenadores/responsáveis por ministrar os conteúdos da área de História ou das Ciências Humanas e Sociais é outro problema identificado e pode contribuir para agravar o quadro delicado apresentado anteriormente.

Pensando num futuro mais promissor poderíamos listar as necessidades imediatas na reestruturação da disciplina:

1. Maior carga horária e melhor distribuição desta ao longo dos cursos;
2. Necessidade de docentes com formação, pesquisa e experiência de ensino na área;
3. Ruptura com o ensino "tradicional" da História;
4. Entendimento do ensino da História como processo, rompendo com a história linear, evolutiva;
5. Ensino através de temas, rompendo com o entendimento da História como sucessão de fatos isolados.

A ruptura com o ensino "tradicional" permitiria o entendimento de que o passado não tem validade em si mesmo, rompendo com a visão da História como o ensino do passado.

A superação de uma organização baseada estritamente em conteúdos fixos ou seqüências obrigatórias, caminhando na direção de eixos temáticos levantados a partir da realidade social do aluno e articulado ao universo das relações sociais, serviria para deixar claro que o objeto do conhecimento histórico é a contemporaneidade e que a relação com o passado deve ter como referência a inserção dos alunos no presente.

Além disso, o ensino de História deveria também se preocupar com a construção de conceitos históricos, com o trabalho com as temporalidades históricas, com a definição, caracterização e uso da explicação histórica, com o uso do documento histórico e com o uso e a apropriação das novas tecnologias da informação e de seus produtos.

A História pode, mais do que qualquer outra ciência, promover, no ensino de graduação dos cursos da área da saúde, a mediação entre o social e o biológico, entre as abordagens que focam o indivíduo e as que se concentram na sociedade.

Prof. Dr. Antonio Carlos Duarte de Carvalho

DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



A disciplina de “História da Medicina” na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

A introdução da disciplina de História da Medicina no currículo nas Escolas Médicas do Brasil é recente. A Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, no entanto, desde o início da sua fundação em 1963, contou com o trabalho do Prof. Otacílio Lopes, o primeiro a ministrar essa disciplina na faculdade em caráter optativo. A partir da década de 80 passou a incorporar o currículo do departamento de Medicina Social para o primeiro ano de graduação tendo a carga horária de 40 horas. Os docentes responsáveis fazem parte da área de Ciências Sociais do departamento.

O objetivo central do curso é discutir as transformações do conhecimento, os fatores determinantes das causas das doenças, a prática médica, a posição social do médico e o perfil epidemiológico dos diferentes períodos históricos referenciados na medicina ocidental e na medicina brasileira. A visão histórica objetiva ainda que o estudante identifique rupturas e continuidades no desenvolvimento da medicina tendo como referência a problemática contemporânea.

A periodização utilizada adota as classificações tradicionais da História, a saber: Antiguidade I (paleolítico, neolítico), Antiguidade II (idade do ferro), Idade Média, Renascimento e idade moderna e contemporânea, enfocando as características mais importantes da organização social de cada período.

O grupo de conceitos utilizados como eixos de análise para cada período são os seguintes: de ordem mais geral como o de estrutura social, modo de produção, formação social, estratificação e estado, que nos permitirão estabelecer relações entre essas diferentes formas de sociedades e de ordem mais específica relacionados aos aspectos da medicina e da saúde: tipos de conhecimento e noções de

causalidade das doenças, das práticas diagnósticas e terapêuticas, da posição social do médico e do perfil epidemiológico (quadro de doenças prevalentes).

O conteúdo é dividido em dois módulos: um da história geral da medicina e outro específico da brasileira. A estratégia pedagógica utiliza metodologias ativas de aprendizagem que buscam maior participação dos alunos por meio de pesquisas, seminários, partindo-se sempre de questões atuais e “provocadoras” do interesse dos alunos.

A bibliografia básica utilizada e os seguintes autores:

1. Geral:

Entralgo PL História de la medicina, Masson Salvat - Medicina, Madrid, 1983; CD Rom (7 Volumes).

Castiglione A. História da Medicina. Trad. R. Lacleite. SP, Nacional 1947 - (2 Volumes).

Foucault M. Microfísica do poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Rosen G. da Política Médica a medicina social: ensaios sobre a história da assistência. Loureiro A (trad.), Rio de Janeiro: Graal, 1980.

Sigerist H. História Y Sociologia de la Medicina. Santiago, 1973.

2. Brasil:

Hochman G. - A era do saneamento - As bases da política de saúde pública no Brasil. 1. ed. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1998. v. I. 261 p.

Lima N, Gerschman S, Edler F, Suárez (Orgs.) Saúde e Democracia: história e perspectivas do SUS. Editora Fiocruz. Coedição com OPS/OMS, 2005.

Santos Filho L. História geral da medicina brasileira. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991 (2 volumes).

Santos LAC. - O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados, Rio de Janeiro: Campus, 28(2), p.193-210, 1985.

Singer P, Campos O, Oliveira EM de. Prevenir e Curar; o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1973.

O objetivo

central do curso é discutir as transformações do conhecimento, os fatores determinantes das causas das doenças, a prática médica, a posição social do médico e o perfil epidemiológico dos diferentes períodos históricos referenciados na medicina ocidental e na medicina brasileira.

Prof. Dr. Nelson Ibañez

PROFESSOR ADJUNTO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA SANTA CASA DE SÃO PAULO



A ciência dos partos

Os editais de d. João VI para criação das Escolas de Cirurgia na Bahia e Rio de Janeiro, em 1808, indicavam que nelas deveria ser ensinado não só Cirurgia, mas também Anatomia e Arte Obstétrica. Em 1818 inicia-se nessas escolas a formação em Obstetrícia, ainda de forma precária, por carência de atividades práticas. Durante séculos, a Arte dos Partos foi realizada predominantemente por "aparadeiras" ou "comadres", que assistiam domiciliarmente as mulheres no trabalho de parto e nos cuidados pré e pós-parto, ou em outras circunstâncias, tais como doenças venéreas e abortos; o médico só era chamado em situações especiais. A medicina gradativamente incorporou esta prática, intitulando-a Arte Obstétrica, sendo denominado parteiro ou médico-parteiro os profissionais por ela formados. Sua origem remonta à pré-história, há registros em caracteres cuneiformes (2500 a.C.) e nos papiros egípcios são encontrados os primeiros relatos de exames do aparelho genital e sinais de gravidez, instrumentos para embriotomia, cadeiras obstétricas e recomendações de posturas para parturição, sendo possível que os sacerdotes praticassem a cesárea post-mortem.

Durante séculos, a Arte dos Partos foi realizada predominantemente por "aparadeiras" ou "comadres", que assistiam domiciliarmente as mulheres no trabalho de parto e nos cuidados pré e pós-parto, ou em outras circunstâncias, tais como doenças venéreas e abortos; o médico só era chamado em situações especiais.

Hipócrates sistematizou e desenvolveu conhecimentos sobre os sinais de gravidez e técnicas de atenção ao parto e ao secundamento; observou a diversidade das apresentações e posições e as circulares de cordão e certamente utilizava o toque vaginal e espéculo. Somente os homens praticavam as embriotomias, chamados após o feto ter sucumbido, sendo as obstetrias legalmente reconhecidas e louvadas. Elas prescreviam medicamentos, celebravam matrimônios e interrompiam gestações. O parto se dava em cadeiras especiais, com a mulher sentada ou reclinada e a parteira ajoelhada.

Muitos deram sua contribuição para a formação dessa ciência, como a escola de Alexandria e Celso, que nos primeiros anos da Era Cristã discorreu o parto pélvico, o valor do exame obstétrico e a técnica de extração manual da placenta. Sorano de Éfeso, autor do mais antigo tratado de partos, preconizou versões e as vantagens de um tipo de cadeira, munida de dispositivo de tração a ser aplicado na cabeça do feto.

Após a decadência do Império Romano, há um longo período de retrocesso. Nesse momento floresce a medicina árabe, que preservou os textos gregos, mas não promoveu avanços, perante a posição subalterna da mulher nessas sociedades, até que Avicena (980-1037) produz importantes ensinamentos sobre anatomia, esterilidade, métodos anticoncepcionais e aborto e ainda inventa um simulacro de fórceps.

Entre os séculos XI ao XV não há avanços: não se examinavam os doentes nem as mulheres grávidas, por ser considerado indecoroso. Os médicos desprezavam a arte da cirurgia, até que Ambroise Paré (1509-1590) restaurasse para a medicina essas intervenções. Ele identificou aspectos da gravidez e das distocias, e exortou os cirurgiões ao estudo da obstetrícia.

Com a Renascença, a Obstetrícia inicia sua separação da Cirurgia. Vesálio publica

seus estudos de anatomia e Falópio descreve o aparelho de sustentação e os prolapso genitais. O fórceps é introduzido na França em 1670 por Pierre Chamberlain III. Em 1667 o rei derroga o decreto que impedia os homens de exercer a arte de partejar nesse país. Despontam grandes obstetras como Mauriceau, contrário ao uso do fórceps, considerado responsável pela adoção da posição horizontal no parto; Levret e Smellie introduzem curvaturas no fórceps, Baudelocque (1746-1810) estuda os diâmetros da pélvis e Osiander advoga o intervencionismo sistemático.

A introdução da anestesia obstétrica por Simpson em 1847, da antisepsia nos procedimentos cirúrgicos por Lister, e a observação de Semmelweis sobre a transmissão da febre puerperal em 1857, abrem o caminho para a tocurgia.

Muitas parteiras trouxeram uma contribuição inestimável, sistematizando suas observações e inferindo os mecanismos do trabalho de parto. Louise Burgois (1563-1636) e Madame La Chapelle estão entre essas figuras que uniram suas habilidades com a formação de um conhecimento.

Com a instalação de maternidades, inicialmente voltadas para as mães pobres, e com o surgimento de novas visões sobre o corpo e a saúde geradas em novas relações sociais, a Obstetrícia consolida-se como uma das primeiras especialidades médicas. Seu ensino foi oficializado na França, no período napoleônico com a criação da *Cadeira de partos, doenças das mulheres paridas e das crianças recém-nascidas*, e no Brasil a primeira cadeira de obstetrícia recebeu o mesmo nome, a partir de 1832. A medicalização do parto vai consolidar-se nos anos seguintes e a discussão acerca de suas vantagens ainda persiste nos dias atuais.

Profa. Dra. Clarissa Waldige Mendes Nogueira

DEPARTAMENTO DE TOCOGINECOLOGIA
GRUPO DE ESTUDOS HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE
FCM, UNICAMP



Fonoaudiologia na Unicamp: um entrelaçamento de histórias

Neste período de comemoração dos 200 anos de ensino da medicina no país e com a criação do Grupo de Estudos de História das Ciências da Saúde na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, cabe-nos refletir a importância de estudar a História das profissões que escolhemos.

A Fonoaudiologia tem suas origens na década de 1930, em virtude dos ideais de uniformização da língua com o propósito de combater as “impurezas” da língua. As primeiras iniciativas ocorrem nos anos de 1940 com o surgimento de profissionais ligados ao magistério, responsáveis pela “correção dos desvios da língua”. Conhecidos como Ortofonistas, Logopedistas, Terapeutas da Palavra, Terapeutas da Fala, o ensino ainda não era institucionalizado, nem a profissão reconhecida por lei.

O início dos Cursos de Graduação em Fonoaudiologia em nosso país data dos anos de 1960. O primeiro curso foi criado no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP em 1961, com a duração de um ano. No ano seguinte, foi aberto o curso na Clínica Psicológica da PUC/SP. A primeira turma com entrada oficial na Universidade de São Paulo se deu em 1976, ano do primeiro Currículo Mínimo de Fonoaudiologia, com ênfase em reabilitação. Em 9/12/1981, ocorre a Regulamentação da Profissão de Fonoaudiólogo, que marca mudanças como a ampliação no âmbito da prevenção e aprimoramento. Nos dias atuais abrem-se novas possibilidades, particularmente a partir da inserção da Fonoaudiologia no Pró-Saúde. A Lei 6965 que regulamenta a profissão dispõe que: “Fonoaudiólogo é o profissional com graduação plena em Fonoaudiologia que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológica, nas áreas de comunicação oral, escrita, voz e audição, bem como no aperfeiçoamento dos padrões de fala e voz”.

Os cursos de Fonoaudiologia, vinculados a diferentes faculdades, promovem formação com configurações variadas, inevitavelmente novas, dada a conjunção dos distintos saberes e fazeres. Na Unicamp, a história da criação do curso de

Fonoaudiologia tem suas origens no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel de O. S. Porto (Cepre) - e se encontra entrelaçada com outros espaços da universidade, o que lhe confere uma característica multidisciplinar e diferenciada no âmbito dos cursos no cenário nacional.

A dimensão e o papel da Fonoaudiologia se definem por questões conjunturais e outras, dentre as quais destaca-se a importância de maior conscientização e conhecimento da profissão, suas demandas e necessidades sociais. Neste sentido, dentre as disciplinas da grade curricular, cabe destacar a *História da Fonoaudiologia*, na qual são utilizadas metodologias de ensino diferenciadas, como a introdução do *portifólio*. Este se constitui em um conjunto de produções acadêmicas que permitem analisar/avaliar o aluno, além de incorporar experiências significativas e atividades reflexivas. Esse processo tem contribuído para resgatar aspectos do campo profissional, da história do aluno e consolidar a escolha da profissão, o que reafirma a importância do estudo da História das Ciências da Saúde na graduação.

Finalizamos com o depoimento abaixo que reflete esse processo de entrelaçamento de histórias e de constituição do *Ser Profissional*.

“...inexplicavelmente, me apaixonei pela profissão e tomei a decisão de ser fonoaudióloga. Quando contei a notícia para minha mãe, ela me disse algo que eu não sabia até então: antes de eu nascer, ela quis fazer Fonoaudiologia, mas na época ela teve que trabalhar e não pode cursar a faculdade, o que me motivou mais ainda a manter minha opção. Outra decisão... eu queria estudar na Unicamp, pois meu avô havia trabalhado na construção desta Universidade.” (B.T.M.A.F, *aluna do 1º ano do Curso de Fonoaudiologia*)

Profª. Dra. Regina Yu Shon Chun
Profª. Marilda Baggio Serrano Botega

CURSO DE FONOAUDIOLOGIA, CEPRE, IEL
GRUPO DE ESTUDO HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE
FCM, UNICAMP



GEHCSaúde
Grupo de Estudo
História das Ciências da Saúde

Os cursos de Fonoaudiologia, vinculados a diferentes faculdades, promovem formação com configurações variadas, inevitavelmente novas, dada a conjunção dos distintos saberes e fazeres. Na Unicamp, a história da criação do curso de Fonoaudiologia tem suas origens no Cepre.

A “Nova História” condenou a soberania do documento escrito e passou a utilizar outras fontes históricas como os utensílios domésticos, depoimentos orais, fotografias e imagens.

História da medicina: algumas sugestões

Muitas pessoas que escrevem textos de história da medicina são, ainda hoje, influenciadas pela visão historiográfica tradicional que fez com que o texto histórico fosse transformado em uma descrição incansável de fatos e personagens. Estes autores destacam alguns “vultos”, datas e monumentos que servem para fazer lembrar ao cidadão comum o que não pode ser esquecido. Apesar de proclamar-se isenta e avessa à política, esta maneira de escrever História detêm forte conotação ideológica. O denominado 'historicismo', que fez com que a História fosse pautada na descrição do acontecimento, dominou e ainda domina, em grande parte, a cena historiográfica, particularmente na área da história da medicina.

Há pelo menos cinqüenta anos ela tem sido criticada. O movimento historiográfico conhecido como “Escola dos Annales”, ou “Nova História”, na França, começou a produzir, sobretudo, no pós-Segunda Guerra Mundial um inventário de inovações que influenciam, ainda hoje, a produção do setor.¹ Aos poucos a maneira de escrever História passou a incluir novos problemas, abordagens e objetos.² Estas três dimensões atribuídas aos estudos históricos são dignas de nota. A História passou a ter problemas e, como qualquer ciência, merece partir de questões. Para desenvolver uma pesquisa histórica, o pesquisador contemporâneo apresenta de forma clara, precisa e justificável qual é seu problema, ou sua questão norteadora.

Este problema motiva o investigador a realizar sua pesquisa e o leitor a tomar contato com seus resultados. Além disso, os estudos históricos passaram a ter diferentes abordagens. Neste sentido, as abordagens permitem que um mesmo problema possa ser observado de ângulos distintos, com ferramentas ou instrumentos de pesquisa específicos. Nos últimos

anos, novas abordagens ampliaram o diálogo da História com as demais Ciências Sociais. Um diálogo, considerado, até então, prejudicial passou a ser visto como uma crescente possibilidade inovadora para o campo.

Finalmente, com o movimento da “Escola dos Annales”, novos objetos de estudo passaram a integrar a agenda de pesquisa do historiador. Além disso, metodologicamente a “Nova História” criticava a soberania do documento escrito e a idéia de que ele fosse uma fonte imanente da verdade. Discordando desta visão, os historiadores franceses defenderam a idéia de que o documento, escrito ou não, é construído por pessoas e instituições e sobrevive ao tempo. Por esta razão merece sofrer uma crítica do historiador. A “Nova História” condenou a soberania do documento escrito e passou a utilizar outras fontes históricas como os utensílios domésticos, depoimentos orais, fotografias e imagens.

O uso de novos documentos, temas e objetos deram uma outra dimensão aos estudos históricos. A medicina como objeto para a História, pode ser vista, portanto, como parte do processo mais amplo de reformulação dos estudos históricos, iniciado com a *Escola dos Annales* e que hoje se transformou em inúmeras correntes historiográficas.³ Assim, as referências sugeridas pela Nova História podem ser úteis para aqueles que se dediquem aos estudos históricos da medicina nos dias atuais.



Prof. Dr. André de Faria Pereira Neto

HISTORIADOR, DOUTOR EM SAÚDE COLETIVA E PROFESSOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE DA CASA DE OSWALDO CRUZ FUNDAÇÃO FIOCRUZ

1. Burke P. A Escola dos Annales. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. Campinas (SP): Editora da Universidade Estadual Paulista; 1997.

2. Le Goff J., Nora P. História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro(RJ): Francisco Alves; 1976.

3. Cardoso CF, Vainfas R. (Org). Domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro(RJ): Campus; 1997.



Médicos reitores: Cantídio de Moura Campos, o primeiro reitor da Unicamp

Dentre as várias contribuições que a classe médica tem prestado ao desenvolvimento da Unicamp, há uma que nem sempre tem recebido o devido destaque: a participação e colaboração dos cinco médicos reitores que dirigiram esta universidade, de acordo com a realidade e com as circunstâncias existentes durante seus mandatos.

Se as obras, construções e contribuições científicas e acadêmicas das gestões de Zeferino Vaz, José A. Pinotti e José Martins Filho podem ser vistas até hoje e repercutirão para sempre, o mesmo não se pode falar sobre as participações dos dois primeiros reitores, os médicos Cantídio de Moura Campos, reitor no período de 16/1/1963 a 28/8/1963 e Mário Degni, no período de 10/10/1963 a 10/9/1965.

Foram tempos heróicos, em que a universidade funcionava improvisada e precariamente em prédios alugados, situados na região central de Campinas, anteriores à Cidade Universitária. Deste período, restam sementes, alguns relatos caindo no esquecimento, algumas pastas de documentos pouco conhecidos e, principalmente, a instalação, de fato, da FCM.

O primeiro reitor da Unicamp foi Cantídio de Moura Campos.¹ Ele nasceu em Botucatu, a 21/10/1889 e faleceu em São Paulo, SP, a 29/4/1972. Graduiu-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), em 1912, onde fora interno de Miguel Pereira, professor de Clínica Médica. Estagiou nos serviços dos professores Krauss e Rotman, na Universidade de Berlim. Fixou-se na capital paulista e fez a carreira acadêmica na Faculdade de Medicina (atual FM/USP), de 1915 a 1929, como fisiologista, e, de 1929 até aposentar-se em 1959, regeu a Cátedra de Terapêutica Clínica.

Participou do Movimento Constitucionalista de 1932. Acumulou importante experiência administrativa: foi diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, diretor da FM (1932), vice-reitor

e reitor em exercício da recém-criada USP (1934), secretário de Estado da Educação e Saúde Pública (1935), diretor da Escola Livre de Sociologia e Política e chefe de Clínica da Santa Casa da Misericórdia, SP.

Uma de suas contribuições mais importantes deveu-se à chefia do corpo clínico do Hospital das Clínicas de São Paulo, função que corresponderia a de um superintendente, reeleito sucessivamente de 1946 a 1959, período fundamental para o crescimento e organização deste hospital.

Espírito renovador no ensino e na pesquisa, Cantídio teve papel modelar na FM/USP ao criar, em sua Cátedra, grupos especializados em pesquisa clínica original, em torno da qual eram realizadas as atividades de graduação e de pós-graduação. Este modelo foi seguido por outras Cátedras e por outros serviços nacionais.²

Em 1963, foi nomeado pelo governador Carvalho Pinto, o primeiro reitor da Universidade de Campinas. Durante o curto mandato de sete meses, entre os primeiros atos como reitor, citam-se: a instalação da primeira Faculdade, a de Medicina; a contratação dos primeiros docentes e funcionários e o discurso por ocasião da aula inaugural das Ciências Médicas no Theatro Municipal de Campinas. Curiosamente, a primeira portaria por ele baixada na Unicamp aplicava o regulamento da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto à nova Faculdade, “naquilo que couber”.



Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda
Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria
GRUPO DE ESTUDO HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE
FCM, UNICAMP

Foram tempos heróicos, em que a universidade funcionava improvisada e precariamente em prédios alugados, situados na região central de Campinas, anteriores à Cidade Universitária. Deste período, restam sementes, alguns relatos caindo no esquecimento, algumas pastas de documentos pouco conhecidos (...)

1. Levantamento de dados históricos sobre o Prof. Dr. Cantídio de Moura Campos, a partir de documentos do Arquivo Central/SIARQ/UNICAMP. Maria de Lourdes Pinheiro, 1999.

2. Ramos de Oliveira, M. Cantídio de Moura Campos 1889-1972. Rev. Hosp. Clin. Fac. Med. S. Paulo, 1990 set-out, 45(5):195-199.



EVENTOS DE OUTUBRO**Dia 1**

* *Abertura da exposição "Minha vida até aqui"*

Artista: Giseli de Fátima Barbosa

Local: Espaço das Artes da FCM

Horário: 11 horas

Período de exposição: até 31/10, das 8h30 às 17h30

Dia 3

* *Dia da Secretária*

Local: Hall do auditório da FCM

Horário: 9 horas

Org.: ARP

Dia 6

* *XII Semana de Engenharia Mecânica (Semec)*

Local: Auditório da FCM

Horário: das 16h30 às 21 horas

Org.: Faculdade de Engenharia Mecânica

Informações: (19) 3521-3206

De 7 a 9

* *XVII Congresso Médico*

Acadêmico da Unicamp

(CoMAU)

Horário: das 18h às 22h30

Local: Auditório da FCM

Org.: Centro Acadêmico Adolfo Lutz (Caal)

Informações: (19) 3521-7942

Programação e inscrição:

www.comau.2008.com

De 7 a 10

* *VI Semana de Fonoaudiologia*

Local: Auditório da FCM

Horário: das 9 às 17 horas

Org.: Cepre

Informações: (19) 3521-8817

Dia 13

* *Tese Prime*

Horário: das 13 às 17 horas

Local: Auditório da FCM

Informações: (16) 3967-6555

De 13 a 17

* *Curso de introdução à história das ciências da saúde*

Horário: das 19 às 22 horas

Local: Salão Nobre da FCM

Informações e inscrições: (19) 3521-

4545 ou www.extecamp.uni

camp.br

Org.: Grupo de Estudo História

das Ciências da Saúde da FCM

Dia 15

* *Avaliação do curso de Enfermagem*

Local: Auditório da FCM

Horário: das 8h30 às 17h

Informações: (19) 3521-8824

Org.: Departamento de

Enfermagem da FCM

Dia 24

* *Comemoração do Dia do*

Funcionário Público

Local: Auditório da FCM

Horário: das 9 às 12 horas

Informações: (19) 3521-8853

Org.: Grupo Integrar Área da

Saúde

Dia 24

* *II Encontro de Estomaterapia*

Local: Anfiteatro I da FCM

Horário: das 8h30 às 17h30

Informações: (19) 3521-8824

Org.: Departamento de

Enfermagem da FCM

Dia 29

* *IV Curso de reciclagem no monitoramento e coleta de pacientes HIV*

Local: Auditório da FCM

Horário: das 9 às 17 horas

Informações: (19) 3521-7463

Dia 30

* *Workshop internacional energia nuclear, meio ambiente e segurança*

Local: Auditório da FCM

Horário: das 8h30 às 18h30

Informações: (19) 3521-3907

Org.: Núcleo Interdisciplinar de

Planejamento Energético

(Nipe)

Dia 31

* *Dia jurídico das Faculdades de*

Campinas (Facamp)

Local: Auditório da FCM

Horário: das 8 às 18 horas

Org.: Curso de Direito da

Facamp

Informações: (19) 8147-5600

Dia 31

* *Dia do médico*

Local: Saguão da diretoria

Horário: 9 horas

Org.: ARP

Até o fechamento desse *Boletim*, novas teses, dissertações, palestras e eventos poderão ocorrer.

Confira a programação completa no site www.fcm.unicamp.br

EXPEDIENTE**Reitor**

Prof. Dr. José Tadeu Jorge

Vice Reitor

Prof. Dr. Fernando Ferreira Costa

Departamentos FCM**Diretor**

Prof. Dr. José A. R. Gontijo

Diretor-associado

Prof. Dr. Gil Guerra Júnior

Anatomia Patológica

Prof. Dra. Maria Leticia Cintra

Anestesiologia

Prof. Dr. Franklin S. Silva Braga

Cirurgia

Prof. Dr. Nelson Adami Andreollo

Clínica Médica

Prof. Dra. Sandra C. B. Costa

Enfermagem

Prof. Dra. Izilda Esmênia M. Araújo

Farmacologia

Prof. Dr. Gilberto De Nucci

Genética Médica

Prof. Dra. Carmem Bertuzzo

Medicina Prev. Social

Prof. Dr. Gastão Wagner de S. Campos

Neurologia

Prof. Dr. Benito P. Damasceno

Oftalmo/Otorrino

Prof. Dra. Keila Monteiro de Carvalho

Ortopedia

Prof. Dr. João Batista de Miranda

Patologia Clínica

Prof. Dr. Roger Frigério Castilho

Pediatria

Prof. Dr. José Dirceu Ribeiro

Psic. Médica e Psiquiatria

Prof. Dr. Wolgrand A. Vilela

Radiologia

Prof. Dra. Irene H. K. Barcelos

Tocoginecologia

Prof. Dr. Aarão Mendes Pinto-Neto

Coord. Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dra. Iscia Terezinha Lopes Cendes

Coord. Comissão Extensão e Ass. Comunitários

Prof. Dr. Roberto Teixeira Mendes

Coord. Comissão Ens. Residência Médica

Prof. Dr. José Barreto Campello Carvalheira

Coord. Comissão Ens. Graduação Medicina

Prof. Dra. Angélica M. B. Zeferino

Coord. do Curso de Graduação em Fonoaudiologia

Prof. Dra. Maria Francisca Colella dos Santos

Coord. do Curso de Graduação em Enfermagem

Prof. Dr. José Luiz Tatagiba Lamas

Coord. do Curso de Graduação em Farmácia

Prof. Dr. Stephen Hyslop

Coord. Comissão de Aprimoramento

Prof. Dra. Carmem Bertuzzo

Coord. Câmara de Pesquisa

Prof. Dra. Sara Teresinha Olalla Saad

Coord. do Centro de Investigação em

Pediatria (CIPED)

Prof. Dra. Maria Marluce dos S. Vilela

Coord. Núcleo de Medicina e Cirurgia

Experimental

Prof. Dra. Sara Teresinha Olalla Saad

Presidente da Comissão do Corpo Docente

Prof. Dra. Andrea Trevas Maciel Guerra

Coord. do Centro Estudos Pesquisa em

Reabilitação (CEPRE)

Prof. Dra. Zilda Maria G. O. da Paz

Coord. do Centro de Controle de Intoxicação (CCI)

Prof. Dr. Fábio Bucarechi

Assistente Técnico de Unidade (ATU)

Carmen Sílvia dos Santos

Conselho Editorial

Prof. Dr. José A. R. Gontijo

História e Saúde

Prof. Dr. Antonio de A. Barros Filho

Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda

Tema do mês

Prof. Dra. Sara Teresinha Olalla Saad

Prof. Dra. Iscia T. Lopes Cendes

Prof. Dr. José Dirceu Ribeiro

Bioética e Legislação

Prof. Dra. Carmem Bertuzzo

Prof. Dr. Sebastião Araújo

Diretrizes e Condutas

Prof. Dra. Laura Sterian Ward

Ensino e Saúde

Prof. Dra. Angélica M. B. Zeferino

Prof. Dra. Maria Francisca C. dos Santos

Prof. Dr. José Luiz Tatagiba Lamas

Prof. Dra. Nelci Fenalti Hoehr

Saúde e Sociedade

Prof. Dr. Nelson Filice de Barros

Prof. Dr. Everardo D. Nunes

Responsável Sílvia Motta CONRERP 237

Equipe Claudia Ap. Reis da Silva, Edimilson

Montalti, Edson Luis Vertu, Fátima Segantim,

Maria de Fátima do Espírito Santo, Marilza

Coelho Borges

Projeto gráfico Ana Basaglia

Diagramação/ Ilustração Emilton B. Oliveira

Revisão Maria Rita B. Frezzarin e Elaine de Fátima

A. Corradello

1.500 exemplares - distribuição gratuita

Sugestões jornalrp@fcm.unicamp.br

Telefone (19) 3521-8049

O *Boletim da FCM* é uma publicação mensal da

Assessoria de Relações Públicas da Faculdade de

Ciências Médicas (FCM) da Universidade

Estadual de Campinas (Unicamp)